



O APRENDIZ DAS TREVAS

O APRENDIZ DAS TREVAS

Luna Bela Morte

*Uma publicação independente de Luna Bela Morte para o
primeiro volume da saga “Ordo Umbrae”.
Esta história se passa antes do livro “O Beijo e a Maldição”.*

Rio de Janeiro – Setembro de 2025



Sobre a Autora...

Luna Bela Morte escreve para leitores que não procuram conforto fácil. Sua obra é destinada aos que pressentem que há beleza no decadente, sabedoria no medo e verdade no que foi proibido de ser dito. Cada poema, conto e romance seu é uma travessia: uma descida ao subterrâneo da alma, onde a morte deixa de ser fim e se torna espelho.

Ela não escreve para ser domesticada pela luz.

Escreve porque a sombra também floresce.

E porque algumas almas só conseguem existir quando transformam suas feridas em literatura.

Instagram e TikTok: ***lunabmorte***

Site Oficial: ***aprendizdastrevas.com***



Querido leitor,

as páginas que agora repousam diante de ti não são apenas palavras, mas fragmentos de uma história perdida, resgatada das cinzas do tempo e dos segredos mais sombrios da Ordem do Veu.

Este é um presente obscuro, um vislumbre das raízes de um personagem cuja dor moldou seu destino.

Aqui encontrarás a gênese de Castor, aquele que ousou sobreviver ao impossível e cujas cicatrizes o conduziram ao abismo.

Lembra-te: cada revelação é também um fardo.

ORDO UMBRAE – CRONOLOGIA ATÉ AQUI...

O Aprendiz das Trevas:

Este e-book revela a origem de **Castor**, um dos personagens centrais do universo de *O Beijo e a Maldição*.

Marcado pelo trauma da morte de sua noiva Elena, Castor busca refúgio em um mosteiro, onde sua dor lentamente se transforma em obsessão e mistério. Ali, sua vida se entrelaça à **Ordem do Véu**, uma irmandade dedicada a combater criaturas das trevas.

Entre orações e terrores, Castor descobre o nome proibido que mudará para sempre o rumo de sua existência: **Cael**.

Mais do que uma sombra, Cael é a origem da maldição, o ponto onde amor, dor e perdição se unem em uma dança de sangue.

O Aprendiz das Trevas é a chave oculta para compreender não apenas quem ele é, mas também o fio que liga sua tragédia ao destino amaldiçoado de Cael e Isolda.

O Beijo e a Maldição:

Nas ruínas de um monastério envolto em segredos, dois amantes desafiam o impossível: **Cael e Isolda**.

Ele, marcado pela maldição. Ela, a centelha que ilumina suas trevas.

Mas o amor, quando toca o abismo, não é apenas salvação: é também sentença.

O Beijo e a Maldição é uma narrativa gótica e visceral sobre paixão, sacrifício e maldições ancestrais. Cada página conduz o leitor pelos corredores da dor e da beleza, onde até mesmo a lua se torna cúmplice dos pecados humanos.

Um conto sombrio sobre o preço de amar quando o amor é, em si, uma condenação.

PRÓLOGO

Tudo começa com uma perda.

Um coração despedaçado, uma vida arrancada pela noite.

Castor, ainda jovem, vê sua noiva ser levada por forças que não pertencem a este mundo. No desespero, refugia-se no silêncio das orações e nas muralhas frias de um mosteiro.

Mas o luto não se cura com fé. O luto devora.

E enquanto as velas queimam diante dos altares, sombras mais antigas que a própria religião estendem seus braços para o destino daquele que acreditava ter encontrado refúgio.

É na solidão do claustro que nasce o monge marcado pela maldição, o homem que, sem querer, se tornará arma e ferida na mesma carne.

O Aprendiz das Trevas

A noite em que ela morreu ainda queima em minha memória como um fogo que não se apaga. Seu corpo frágil se contorcia em febre, e seus olhos, outrora tão vivos, tão cheios de promessas, se perderam no vazio. Não havia preces que a salvassem, não havia erva, nem mãos de curandeiros capazes de reverter a sentença cruel que o destino havia decretado. Eu a segurei em meus braços até o último suspiro, sentindo o calor se dissolver lentamente de sua pele, como se a própria vida se esvaísse diante de mim, rindo de minha impotência.

Naquele instante, algo em mim também morreu. O noivo que sonhava com um lar, com filhos, com um futuro ao lado dela, foi enterrado junto ao seu corpo frio. Restou apenas o homem quebrado, dilacerado, que não via sentido algum em continuar respirando. Contudo, não tive coragem de seguir o mesmo caminho que ela. Algo em minha carne, talvez covardia, talvez penitência, me manteve preso a este mundo.

O frio das pedras do mosteiro ainda não havia apagado a chama de minhas lembranças. Mesmo entre os cânticos e as orações murmuradas ao entardecer, minha mente fugia, atravessava as grades invisíveis do claustro e me lançava de volta ao passado, onde o riso dela ainda ecoava.

Ela se chamava **Elena**. Seu nome ainda pulsa em meus lábios como uma prece perdida. Elena, com seus cabelos cor de trigo dourado sob o sol, e aqueles olhos que refletiam o mundo como se fossem rios tranquilos. Ao seu lado, a vida era menos áspera, menos dura; até mesmo a pobreza de nossa aldeia parecia uma bênção, pois bastava seu sorriso para que o dia tivesse sentido.

Recordo-me das tardes em que caminhávamos juntos pela campina, e ela colhia flores para enfeitar seus cabelos. Eu fingia não reparar, mas cada vez que a via adornada por pétalas, tinha a certeza de que os anjos invejavam sua beleza. Às vezes, sentávamo-

nos perto do rio, e ela me pedia para recitar versos que lia nos livros velhos de meu pai. Eu lia mal, tropeçando nas palavras, mas ela sorria, e aquele sorriso era música; e eu o repetiria por toda a eternidade se pudesse.

Numa noite de festa da colheita, dançamos sob a lua cheia. Lembro do calor de sua mão na minha, do compasso de nossos passos desajeitados, do vinho que ruborizava suas faces. Ela inclinou-se e sussurrou que eu era seu para sempre. Eu acreditei, com a fé absoluta dos jovens, que nenhum destino seria capaz de nos separar.

Mas agora, ao lembrar, percebo como a eternidade é cruel. Porque a eternidade não se cumpre nos votos dos mortais. Elena partiu, e deixou-me preso ao vazio que nenhum cântico do mosteiro poderá silenciar. Sua ausência é minha cruz, e sua lembrança, meu martírio.

As lembranças felizes com Elena sempre vêm primeiro como um sopro suave, mas logo se tingem de sangue e trevas, como se a própria memória fosse uma chama que arde apenas para me queimar.

Naquela noite, a lua estava escondida sob nuvens pesadas, e um vento estranho atravessava nossa aldeia, carregando um frio que não pertencia à estação. Elena havia adormecido em minha casa, exausta após um dia de trabalho, e eu, sentado ao seu lado, observava a tranquilidade de seu sono. Tudo parecia em paz, até que as sombras começaram a se mover.

Um vulto surgiu junto à porta, escuro demais para ser apenas escuridão. Sua presença não produzia som, mas um peso sufocante tomou o ar. Elena abriu os olhos, e neles vi o reflexo daquele ser. Não havia rosto, apenas um contorno humano feito de treva pura, como se a própria noite tivesse tomado forma.

Ela gritou; um grito que não foi apenas de medo, mas de dor, como se algo lhe tivesse arrancado a alma. Corri até ela, mas um frio cortante me atravessou, e minhas pernas fraquejaram. Elena se

contorceu, os olhos marejados fixos nos meus, e sussurrou com a voz quase extinta:

— Castor... não me deixe...

E então, a vida se foi de seu corpo, como a chama de uma vela soprada por um sopro cruel. O ser recuou, dissolvendo-se no escuro da noite, como se tivesse apenas vindo recolher o que era seu.

Eu fiquei ajoelhado, com o corpo dela em meus braços, incapaz de compreender. Meu choro ecoava, mas não houve quem o ouvisse. Aquele instante me quebrou em tantos pedaços que jamais pude recolhê-los.

Desde aquela noite, cada sombra me pareceu um inimigo, cada sopro de vento um sussurro vindo do além. Fui consumido pelo medo e pela culpa. Eu deveria tê-la protegido, deveria ter enfrentado aquele ser, mas nada fiz.

Assim, busquei o refúgio do mosteiro. Não por fé verdadeira, mas por necessidade. Se não fosse o silêncio das orações, eu enlouqueceria com os gritos de Elena ecoando em minha mente. Se não fosse o claustro de pedra, talvez o ser das trevas ainda me encontrasse. No fundo, não sei se escolhi a religião... ou se fui aprisionado por ela.

— E assim comecei a minha vida de monge: como um homem que foge, e não como alguém que busca.

Na manhã seguinte ao sepultamento, caminhei sozinho pelas ruas da aldeia. O sol brilhava como uma afronta à minha dor. Cada olhar piedoso, cada palavra de consolo, era uma lâmina que se cravava mais fundo em minha alma. Eu sabia: nada daquilo me devolveria o que perdi. O amor havia se tornado pó, e no pó eu passaria a viver.

Foi então que ouvi o sino do mosteiro distante. O som ecoava como um chamado, um lamento de pedra erguido aos céus.

E no silêncio que me habitava, percebi que talvez ali estivesse meu único refúgio: as muralhas frias, os ritos repetidos, a vida enclausurada. Se o mundo não tinha mais nada a me oferecer, talvez eu pudesse ao menos aprender a esquecer, perder-me na oração, dissolver minhas dores no incenso e no canto dos monges.

Com passos lentos, ainda vestido de luto, deixei a aldeia para trás e me pus a caminho. Cada batida do sino me guiava mais fundo em minha decisão. Não ia em busca de salvação, mas de esquecimento. E quando atravessei os portões de pedra do mosteiro, senti o peso da vida que abandonei e o frio abraço da eternidade que me aguardava.

O mosteiro me recebeu como uma tumba recebe os ossos: frio, silencioso, inevitável. No primeiro dia, quando atravessei seus portões de ferro, senti como se estivesse entrando num sepulcro do qual jamais sairia. Talvez fosse isso mesmo que eu buscava, morrer em vida, apagar-me pouco a pouco, como Elena fora apagada diante dos meus olhos.

A rotina era feita de rezas, jejuns e trabalhos exaustivos. De madrugada, o sino quebrava o silêncio, e todos nós marchávamos em fileira até a capela para cantar hinos que não me aqueciam. Eu repetia as palavras sem fé, apenas como um autômato. Enquanto os outros irmãos rezavam para a luz, eu orava para o vazio; e, no fundo, sentia que o vazio me respondia.

O silêncio era absoluto, mas dentro de mim, as vozes gritavam. Elena me chamava em sonhos, sua agonia ecoava pelos corredores da minha mente. Às vezes, ao entoar os cânticos, eu acreditava ouvir outro coro, oculto sob o nosso: sussurros distantes, graves e dissonantes, que só eu parecia perceber. Eram lembranças? Ou presságios? Não ousava perguntar, mas o peso me corroía.

Com o tempo, comecei a me endurecer. O Castor que ria ao lado de Elena já não existia. Meu semblante se tornou austero,

minha voz, escassa. Os outros monges diziam que eu era dedicado, mas a verdade é que o silêncio era a única forma de não enlouquecer. As regras severas do claustro se tornaram minha armadura, mas também meu cárcere. A disciplina mortificava minha carne, mas não calava meus fantasmas.

Aos poucos, aprendi a transformar a dor em aço. Se antes eu tremia diante das sombras, agora as encarava em vigílias solitárias. A chama da vela tremulando diante da escuridão era minha única companheira. Comecei a ver nos olhos dos outros monges o reflexo do que me tornava diferente: eles buscavam redenção; eu buscava vingança contra algo que não compreendia.

E assim, pedra por pedra, oração por oração, eu fui me tornando um monge sombrio, rígido, moldado pela perda, mas também alimentado pela fúria muda contra aquilo que me arrancou Elena.

Pois enquanto os outros serviam a Deus, eu apenas servia ao meu silêncio. E nesse silêncio, crescia uma maldição.

Os anos se passaram no mosteiro como eternas estações de inverno. Minha juventude, que um dia florescera ao lado de Elena, murchou sob a disciplina e o peso da clausura. Aos olhos dos monges, eu me tornava cada vez mais austero, quase uma estátua de carne que orava sem fervor. Mas dentro de mim, algo se movia, algo que nem mesmo a fé podia silenciar.

As noites eram o meu tormento. Enquanto os outros dormiam em celas estreitas, eu permanecia desperto, fitando as pedras frias, ouvindo o vento que se infiltrava por frestas invisíveis. E nesse vento, havia sempre um sussurro; não era de Elena, nem humano. Um som mais grave, quase melódico, que me dizia: *“A perda é tua força. A dor é tua herança. Olha para dentro, Castor, e verás quem realmente és.”*

Foi então que meu semblante se transformou. O olhar que antes carregava lágrimas passou a carregar aço. O coração, outrora

dilacerado, se revestiu de uma fúria silenciosa. Passei a jejuar além do permitido, a vigiar noites inteiras em oração muda, como se minhas entranhas buscassem um deus que nunca respondia. Os monges começaram a me temer. Diziam que meu silêncio era mais aterrador que gritos, e que minha presença gelava os corredores.

Uma madrugada, em uma das longas vigílias, algo mudou. A chama da vela se apagou sem vento, e, no breu absoluto, vi dois olhos diante de mim: vermelhos, distantes, como os mesmos que eu vira na noite em que Elena fora tomada. Caí de joelhos, mas não de medo. Havia algo em mim que não tremia mais. Sorri para a escuridão; e a escuridão pareceu sorrir de volta.

A partir dessa noite, minha reputação ultrapassou as muralhas do mosteiro. Sussurros chegaram aos ouvidos da **Ordem do Véu**, uma irmandade secreta de monges-guerreiros que não rezavam apenas para Deus, mas também para manter afastados os seres que rastejavam na sombra da criação. Eles sabiam meu nome. Sabiam de Elena. Sabiam da criatura que a levaria. E sabiam que eu a tinha visto.

A Ordem começou a vigiar-me, velada e atenta, esperando o momento certo. Pois em mim já não viam apenas um monge que buscava refúgio, mas uma alma em metamorfose: alguém que não pertencia mais ao claustro, nem ao mundo dos homens, mas a um território cinzento onde dor e trevas se entrelaçam.

E foi assim que me tornei quase irreconhecível. Não mais Castor, o jovem noivo. Não mais Castor, o monge. Mas um prenúncio.

Um presságio vivo.

Algo que tanto homens quanto sombras haveriam de temer.



O NOME DO ABISMO

O silêncio da madrugada foi quebrado pelo som grave de sinos; não os do mosteiro, mas outros, mais antigos, mais pesados, que ecoavam apenas para aqueles que deviam ouvir. Castor, desperto de sua vigília, ergueu os olhos da sombra. No corredor estreito, três homens avançavam com passos firmes. Suas túnicas eram negras, marcadas por um véu branco costurado ao peito, como se carregassem um luto eterno.

Eles se apresentaram sem rodeios: **monges da Ordem do Véu**. Não pediram licença, não fizeram reverência. Estavam ali para ele, e apenas ele.

— Castor — disse o mais velho, de barba curta e olhar de ferro —, tua alma já não te pertence por completo. O que viste na noite em que Elena morreu não é um delírio de dor. É um nome antigo, que ressoa apenas entre aqueles que estudam os véus do mundo.

Castor não respondeu. Apenas aguardou. Dentro de si, uma chama de fúria e medo se entrelaçava, mas sua face permanecia de pedra.

— O nome dele — continuou o monge, baixando a voz como se as próprias paredes pudessem ouvir — é **Ganjee**.

A palavra pareceu pesar no ar. Castor sentiu um arrepio percorrer sua espinha, como se os próprios ecos do passado tivessem voltado a arranhar sua pele.

— Ele vive nas trevas — disse outro dos monges, de olhos fundos, quase febris. — Não caminha entre nós como os homens, não carrega corpo, não possui carne. É apenas rosto, malformado e faminto. Alimenta-se do medo dos vivos, arranca-lhes as almas para devorar como banquete eterno.

O terceiro completou:

— E nunca houve registro de alguém que tenha sobrevivido após encará-lo.

Nesse instante, a memória de Elena invadiu Castor: os olhos vermelhos cravados nela, a escuridão que engolira seus gritos, a sensação de que a própria noite se dobrava diante daquele olhar.

Ele fechou os punhos com força, sentindo as unhas cortarem sua pele.

— Eu sobrevivi — murmurou, em voz baixa, mas firme.

Os três monges se entreolharam. Havia espanto, mas também desconfiança. O mais velho então avançou, segurando o ombro de Castor.

— E é exatamente por isso que estamos aqui. Tu carregas a marca dele, mesmo que não a vejas. A Ordem do Véu conhece Ganjee, mas nunca tão de perto quanto através de ti. És tanto um risco quanto uma oportunidade.

Castor cerrou os dentes. Não sabia se devia sentir-se amaldiçoado ou escolhido. Dentro dele, algo sorria; uma lembrança da noite em que a escuridão também sorria de volta.

— Quero o nome dele gravado em mim — disse, com uma chama sombria no olhar. — Pois é pelo nome que encontrarei vingança.

Os monges se entreolharam novamente, e o mais velho apenas respondeu:

— Cuidado, Castor. Quem pronuncia o nome do abismo muitas vezes acaba sendo chamado por ele.

E assim, pela primeira vez, a sombra que matara Elena tinha um nome.

Ganjee.

O nome que, desde então, nunca mais deixaria de ecoar na mente de Castor.

Os dias de Castor tornaram-se uma sucessão de provações. A Ordem do Véu não o tratava como discípulo, mas como experimento. Queriam sondar seus limites, decifrar o motivo de sua sobrevivência diante do horror que ninguém jamais vencera.

De madrugada, obrigavam-no a atravessar corredores mergulhados em escuridão total, com apenas o som de cânticos lúgubres guiando seus passos. Faziam-no meditar diante de ossários, para que se acostumasse ao silêncio dos mortos. Treinavam-no no uso de preces antigas, entoadas em línguas quase extintas, que ardiam como fogo na garganta.

— Dominarás o medo ou ele te devorará — dizia o monge mais velho, enquanto Castor ajoelhava sobre pedras nuas até sangrar.

Mas não era apenas o treinamento que moldava sua alma. A cada noite, quando cerrava os olhos, **o rosto de Ganjee** surgia nas profundezas de seus sonhos. Um par de olhos rubros, suspensos no nada, encarando-o com ferocidade. A boca abria-se em sussurros que não eram palavras, mas gritos de ecos longínquos.

E ao acordar, Castor ainda ouvia o som. Como se o pesadelo tivesse seguido com ele para o mundo desperto.

A Ordem percebia. Sabiam que Ganjee não estava distante. Estava dentro, rondando.

Foi após uma dessas noites, em que Castor acordou com a pele gelada e os punhos cerrados como se tivesse lutado, que os monges o chamaram. A reunião ocorreu na câmara subterrânea do mosteiro, iluminada apenas por velas presas em crânios.

O mais velho tomou a palavra:

— Castor, chegou a hora de saber o que nunca revelamos a ti.

Ele aguardou em silêncio, os olhos firmes, mas o coração pulsando como um tambor de guerra.

— O Ganjee que viste, que levou Elena, não vaga mais entre as trevas. Há muito tempo, a Ordem conseguiu aprisioná-lo.

Castor sentiu o mundo girar. Suas entranhas queimaram com a lembrança do olhar faminto, do sorriso cruel na noite da morte de Elena.

— Ele está aqui — completou outro monge, mais jovem, mas com a voz firme. — Dentro do domínio do Guardião do Véu.

O terceiro acrescentou:

— Trancado em uma sala secreta, algemado por rituais ancestrais que apenas o Guardião conhece.

Um silêncio pesado tomou o lugar. Castor ergueu os olhos, tomado por uma mistura de esperança e ódio.

— Então ele respira as mesmas sombras que eu? Vive... aqui? — sua voz saiu rouca, quase um rosnado.

O monge mais velho assentiu lentamente.

— Sim. Mas não te enganes. Ganjee não dorme. Ele espera. E cada olhar, cada sonho que tens, é a prova de que sua fome ainda se estende além das correntes que o prendem.

Castor fechou os olhos por um instante. Sentiu, na escuridão interna, os olhos vermelhos queimando, sorrindo.

Quando os abriu, uma decisão já estava gravada em sua alma.

— Então mostrem-me essa sala. Quero encarar meu inimigo onde ele apodrece.

Os monges trocaram olhares graves. O Guardião do Véu não permitiria facilmente. Mas sabiam, no fundo, que era inevitável.

Pois Castor não buscava apenas sobrevivência. Buscava confronto.

E a presença de Ganjee em seus sonhos já era prenúncio de que o encontro entre ambos não poderia ser adiado por muito mais tempo.

A noite estava pesada, como se as próprias estrelas tivessem se recolhido do céu para não testemunhar o que viria. Dois monges conduziram Castor por corredores que ele nunca vira antes; túneis escavados nas entranhas da montanha, úmidos e estreitos, onde o ar parecia ter sido respirado por gerações de mortos.

O silêncio era absoluto, exceto pelo som de seus passos ecoando nas pedras antigas. Até que chegaram a uma imensa porta de ferro, gravada com símbolos em línguas esquecidas. Sobre o metal, estava cravado um véu de correntes negras, pulsando levemente como se respirassem.

Ali, esperava o **Guardião do Véu**.

Castor sentiu o corpo gelar. A figura não caminhava: ela emergia da própria escuridão, um vulto alto, coberto por mantos que jamais refletiam a luz das tochas. Seu rosto não era humano nem monstruoso; era um vazio coberto por uma máscara de ossos. Mas de dentro daquela máscara, os olhos queimavam em chamas brancas, tão intensas que obrigaram Castor a baixar o olhar.

A voz do Guardião não era fala: era ressoar de pedras partindo, trovões contidos.

— **Castor... sobrevivente do Ganjee. Aquele que traz o fardo do sangue perdido.**

O jovem monge engoliu seco, erguendo os olhos com esforço.

— Quero vê-lo. Preciso encarar a criatura.

Um silêncio se arrastou, denso como luto. Então o Guardião ergueu uma das mãos, e as correntes na porta se agitaram como serpentes.

— **A prisão não é uma sala. É um abismo de trevas. Ao entrar, o portão fecha-se atrás de ti. Nenhum homem pode abri-lo. O único caminho é sobreviver e encontrar a saída com as próprias mãos.**

Castor franziu o cenho, a respiração pesada.

— E se eu não encontrar?

O Guardião inclinou levemente a cabeça, como se sorrisse por trás da máscara de ossos.

— **Então serás apenas mais uma voz na escuridão... alimento para o Ganjee.**

As palavras se arrastaram por dentro do peito de Castor como lâminas. Mas em seus olhos, não havia hesitação. Apenas ódio e desejo de vingança.

O Guardião se aproximou mais. Uma mão ossuda, recoberta por cinzas, ergueu-se diante de Castor, quase tocando sua fronte.

— **Uma vez lá dentro, não há preces, não há monges, não há Véu. Há apenas o teu coração... e o rosto do Ganjee.**

O portão se abriu com um estrondo surdo. Além dele, apenas uma escuridão espessa, como se fosse feita de substância viva. Castor sentiu o chamado vindo de dentro: um frio que se infiltrava nos ossos, acompanhado pelo eco da risada abafada que já ouvira em sonhos.

O Guardião deu o último aviso:

— **Entra, Castor. Descobre se tua alma pertence à luz... ou às trevas.**

E, sem hesitar, Castor deu o primeiro passo para dentro da escuridão.



O ABISMO E O ROSTO

A porta se fechou atrás de Castor com um estrondo metálico, abafado pelo peso da escuridão. O som ecoou como um trovão em uma caverna sem fim, e então... nada. Apenas o silêncio, denso e absoluto, como se o mundo tivesse sido apagado.

Castor ergueu a mão, tentando ver os próprios dedos. Nada. A escuridão não era ausência de luz; era uma substância viva, viscosa, que parecia se mover em torno dele, tocando-lhe a pele como véus gelados.

Deu o primeiro passo. A pedra sob seus pés soou oca, como se marchasse sobre um túmulo imenso. O segundo passo trouxe consigo um sussurro. Não era voz humana, nem vento. Era algo dentro de sua mente.

— **Castor...**

Ele parou. Seu coração disparou, mas não respondeu. Seguiu em frente, os olhos arregalados, ainda que nada pudessem ver.

O terceiro passo trouxe outro som: uma risada abafada, distante, mas que parecia vibrar dentro de seus ossos. Então, na escuridão, dois pontos vermelhos se acenderam. Olhos. O mesmo olhar que o perseguia em sonhos desde a morte de Elena.

— **Ela gritou, Castor... lembras-te?** — a voz parecia vir de dentro do seu crânio. — **E tu nada fizeste.**

A respiração de Castor falhou. Uma lembrança o atingiu: Elena, estendida no chão, o sangue manchando suas mãos, seus olhos suplicando por socorro. Ele fechou os olhos, mas a visão continuava ali, projetada nas sombras.

Seguiu andando, trêmulo, e de repente sentiu algo roçar sua nuca. Girou-se rápido, mas não havia nada. Ainda assim, a sensação persistia: o toque de dedos invisíveis, gelados.

De repente, uma boca surgiu na escuridão, feita de pura sombra, escancarada em um sorriso animalesco. Os dentes afiados brilhavam como lâminas úmidas.

— Cuidado, Castor. Cada passo é um corte. Cada batida do teu coração é um banquete.

Ele levou as mãos às orelhas, tentando calar as vozes, mas não havia som físico; era sua mente sendo dilacerada, pedaço por pedaço.

A cada passo, a escuridão se moldava em rostos. Rostos que gritavam, choravam, sorriam em agonia. Eram as almas que o Ganjee devorara. Seus olhos hipnóticos ardiavam como brasas, e, ao fitá-los, Castor sentiu o chão se abrir sob seus pés, arrastando-o para memórias que não queria revisitar.

— Ela te chamava... mas tu escolheste viver.

— Traíste o amor... e por isso estás aqui.

Castor caiu de joelhos. Seu coração parecia uma bigorna em chamas. E, à sua frente, o Ganjee enfim tomou forma; não um corpo, mas um rosto colossal, surgindo da escuridão líquida, preenchendo todo o espaço com seu olhar.

Os olhos rubros cravaram-se nele, e Castor sentiu a realidade estremecer. Sua mente balançava na beira de um abismo, e a única certeza era a voz cavernosa que ecoava:

— Agora, tu és meu.

Castor ajoelhou-se no chão frio, a respiração em descompasso, o olhar preso àquele rosto colossal que dominava a escuridão. O Ganjee avançava apenas com o olhar, um abismo de trevas que devorava tudo o que restava de sanidade.

Em desespero, Castor ergueu as mãos, unindo os dedos como se segurasse um rosário invisível. A oração escapou dos seus lábios trêmulos, cada palavra arranhando sua garganta como vidro partido:

— *Sancta Maria... Mater Dei... ora pro nobis...*

A voz ecoou fraca, como se a escuridão sugasse cada sílaba, mastigando sua fé. Mas ainda assim ele prosseguiu, agarrando-se às preces como um naufrago em águas tempestuosas.

O Ganjee riu. Foi um som baixo, grave, um rugido que não vinha de garganta alguma, mas das entranhas da própria escuridão. Os olhos rubros pulsaram, e, de repente, a oração de Castor foi invadida por gritos; não os seus, mas de almas perdidas. Gritos de mulheres, de crianças, de homens, todos juntos em um coro dissonante.

A mente de Castor se estilhaçou em visões:

— Elena, sua noiva, retorcendo-se nas mãos invisíveis da criatura;

— o mosteiro em chamas, os monges devorados por sombras;

— sua própria pele se desfazendo em pó, enquanto sua alma era arrancada pelos olhos vermelhos que o fitavam.

Ele tentou resistir, mordendo a língua até o sangue escorrer pela boca, usando a dor como âncora. A oração continuou, mas agora se misturava a soluços:

— *...ora pro nobis peccatoribus... nunc et in hora mortis...*

E então, do fundo da escuridão, algo se mexeu. Crânios começaram a surgir, flutuando como espectros. Cada um trazia nos olhos a mesma luz rubra do Ganjee. Alguns riam, outros gritavam, outros apenas o encaravam em silêncio. Não eram ossos mortos; eram máscaras vivas, almas consumidas, moldadas no mesmo horror.

Eles rodopiavam em torno de Castor, cerrando o círculo. Suas bocas batiam em conjunto, como se mastigassem o ar, como se preparassem para devorá-lo. Um dos crânios roçou seu ombro, e Castor sentiu a carne queimar como ferro em brasa. Outro sussurrou-lhe ao ouvido:

— **Não resistas... deixa-nos entrar.**

Castor apertou o peito, sentindo o coração bater como um tambor ensurdecido. Quase desmaiou, mas, com a última fagulha de força, ergueu a voz:

— *...Amen!*

A palavra saiu como um grito. O círculo de crânios recuou por um instante, os olhos faiscando. O Ganjee silvou de raiva, e a escuridão se agitou como um mar revolto.

Castor tombou no chão, arquejando, o corpo em espasmos. Sobreviveu, mas sua mente estava em pedaços. Cada visão, cada toque, cada riso dos crânios ficaria gravado nele como cicatrizes na alma.

E, ao longe, antes que o silêncio retornasse, uma promessa ecoou:

— **Tu ainda me pertences, Castor.**

As paredes da prisão ainda vibravam com ecos abafados, como se o próprio abismo tivesse se contorcido em agonia. Os monges da Ordem do Véu aguardavam do lado de fora, as mãos firmes sobre os símbolos sagrados, enquanto o Guardião

permanecia imóvel, os olhos fechados como se estivesse em comunhão com o além.

Então, de dentro da escuridão, um som inesperado: **três batidas secas contra a porta de ferro.**

Os monges se entreolharam em espanto. Ninguém jamais batera naquela porta. Ninguém jamais sobrevivera para isso.

Quando os selos foram quebrados e o portão rangeu, uma fumaça quente escapou, carregada de cinzas que flutuavam como pequenas faíscas incandescentes. E entre a névoa, surgiu Castor.

Ele estava de pé por milagre. O corpo coberto de sangue, as vestes rasgadas, o peito arfando como se cada respiração fosse um sacrifício. Seus **olhos escorriam sangue** como lágrimas profanas, um fio rubro que manchava seu rosto pálido. Ainda assim, havia firmeza em seu olhar, algo indomável, como se tivesse visto o próprio inferno e regressado.

Atrás dele, os monges puderam ver: a sala estava queimada. Não por fogo terreno, mas por chamas espectrais. O Ganjee e os crânios, outrora almas famintas, **estavam reduzidos a sombras calcinadas**, uma visão impossível, pois até então acreditava-se que nada poderia destruir tal criatura.

O Guardiã avançou, a voz grave como trovão:

— *Inconcebível... Sobreviveu, não apenas uma vez, mas duas.*

E então, o segredo foi revelado.

Castor, mesmo sem entender totalmente, carregava dentro de si uma cicatriz espiritual rara. No instante em que Elena fora tomada pelo Ganjee, uma fagulha, o **último lampejo de sua alma inocente**, se agarrou a Castor. Ele não foi devorado como os outros. Parte da essência de Elena, seu amor e sacrifício, entranhou-se nele como uma chama oculta.

Essa chama, desperta agora pela agonia no cárcere, queimara o Ganjee por dentro. Foi ela que transformou o círculo de crânios em pó, foi ela que abriu caminho para que Castor se mantivesse de pé, mesmo com o corpo despedaçado e a alma em prantos.

O Guardião ergueu a mão, como quem reconhece uma verdade inevitável:

— *A alma de Elena é teu escudo. O amor que não morreu é o fogo que os consome. Eis o mistério da tua sobrevivência, Castor. Mas este dom é também tua maldição.*

Castor não respondeu. Apenas deixou o sangue pingar de seus olhos enquanto observava as cinzas no ar, cada faísca lembrando-lhe dela. Elena não estava em paz. Estava presa nele.

E o preço desse dom ainda seria cobrado.

O salão do Guardião estava em silêncio sepulcral. Os monges da Ordem do Véu o observavam de olhos baixos, divididos entre temor e reverência. Castor, ainda manchado pelo sangue que escorria de seus olhos, permanecia ereto como um sobrevivente que não deveria existir.

O Guardião falou primeiro, a voz como ferro arrastando-se sobre pedra:

— *Nenhum homem jamais resistiu ao Ganjee. Nenhum homem jamais saiu de sua prisão. Mas tu... tu trazes em ti uma chama que não é tua, Castor. És uma anomalia, um erro ou um sinal. E por isso mesmo... serás usado.*

Os monges estremeeceram. Não era comum ouvir tal sentença. Castor não seria acolhido como irmão. **Seria moldado como arma.**

— *A Ordem te vigiará,* — disse outro monge, de semblante austero. — *Mas também te guiará. Pois se sobreviveste ao horror,*

és capaz de enfrentá-lo outra vez. E nós precisaremos de ti quando o véu se rasgar novamente.

Castor baixou a cabeça, não em obediência, mas como quem aceitava o peso de uma corrente inevitável. A chama de Elena ardia em seu peito, mas não lhe trazia consolo. Era um fardo, e ele já sabia disso.

Foi então que o chão tremeu levemente, como se um eco longínquo respondesse ao que fora dito. Os monges ergueram os olhos, e pela janela estreita da abadia, algo foi visto: **uma sombra escapando, ascendendo ao céu noturno.**

Ela não tinha corpo, apenas contorno. Movia-se como fumaça viva, dissolvendo-se entre as estrelas.

— *Impossível!* — murmurou um dos monges. — *O Ganjee foi consumido...*

Castor ergueu a mão, ainda trêmula, e respirou fundo antes de falar, a voz grave, quebrada pelo que vira:

— *Não... não foi só ele. Lá dentro... eu vi mais. Muito mais.*

Ele fechou os olhos ensanguentados e as lágrimas rubras desceram outra vez, pingando no chão de pedra.

— *As almas... todas aquelas cabeças, aqueles crânios... eram homens e mulheres, mas nenhum inocente. Cada um deles era um monstro em vida e continuou um monstro depois da morte. Seus olhos queimaram os meus. Vi suas maldades, seus crimes, seus desejos putrefatos. E foi por isso que meus olhos sangraram.*

Os monges o observavam em absoluto silêncio, os rostos tensos.

Castor então abriu os olhos novamente, a pupila ardendo como carvão sob sangue fresco.

— *E no instante em que aquela sombra escapou, por um breve lampejo... eu soube o seu nome.*

O Guardião se inclinou para a frente, a respiração pesada.

— *Diz-nos então... quem é o que fugiu?*

Os monges da Ordem do Véu esperavam em silêncio, os olhos cravados em Castor. Ele respirava com dificuldade, o peito marcado pela luta, o sangue ainda correndo de seus olhos. No entanto, sua voz não vacilou quando revelou:

— *O nome da sombra que escapou... é Cael.*

Um murmúrio percorreu o salão, como se a própria pedra do mosteiro estremecesse. O Guardião do Véu fechou os olhos e apoiou-se em seu cajado, a voz grave, pesada de séculos de segredos:

— *Cael...*

Os monges se entreolharam, apavorados. Nenhum ousava falar, mas todos conheciam a lenda que até então era apenas um sussurro nas escrituras proibidas da Ordem.

O Guardião, enfim, revelou:

— *Cael não é um homem, nem apenas um espírito. Ele é a origem do terror que chamais Ganjee. Onde Cael caminha, os Ganjees nascem. Eles são fragmentos de sua essência, estilhaços de um poder que não pertence a este mundo. Ele é o princípio e o fim da maldição. Aquele que devora almas para reinar sobre os vivos e os mortos.*

Castor sentiu o peso daquelas palavras cravando-se em sua alma. Tudo fazia sentido agora: a morte de Elena, sua sobrevivência impossível, as visões de crânios em agonia. Ele havia enfrentado

apenas reflexos de um horror maior, e mesmo assim quase perdera sua sanidade.

— *Se Cael está livre,* — disse um dos monges, com a voz embargada — *então a noite não terá mais fim.*

O Guardião pousou o olhar sobre Castor, os olhos como brasas apagadas.

— *E é por isso que viverás, Castor. Tu serás a lâmina que não se quebra, mesmo quando mergulhada no abismo. Pois a sombra que fugiu busca cumprir sua maldição... e apenas quem já foi marcado pelo Ganjee poderá um dia cruzar o caminho de Cael.*

Castor permaneceu em silêncio, mas dentro de si algo se partia e se erguia ao mesmo tempo: medo e propósito, dor e poder. Ele sabia que o destino de sua vida já não lhe pertencia.

Naquela noite, enquanto a lua tingia as pedras do mosteiro com luz pálida, todos sentiram que o mundo havia mudado. Cael estava solto. E nada poderia detê-lo.



Esta história, a verdadeira dança de amor e perdição, sangue e eternidade, será contada quando os caminhos de Cael se cruzarem com os de Isolda, na obra maldita conhecida como...

“O Beijo e a Maldição.”

ENTRE NAS TREVAS

O Beijo e a Maldição

(Editora Uiclap)





**SCRIPTURA
ÆTERNITATIS
OBSCURÆ**